

**Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro**



EDU – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROFISSÃO DOCENTE: ENTRE O ESTATUTO PROFISSIONAL E O EXERCÍCIO DO OFÍCIO

*Jacqueline Teixeira de Assis¹,
Maria Inês G. F. Marcondes de Souza².*



¹*Aluna de graduação do Curso de Pedagogia da PUC-Rio.*

²*Pedagoga, Professora Doutora do Departamento de Educação da PUC-Rio.*

CURRÍCULO E PRÁTICA NA ESCOLA CICLADA: ANALISANDO EXPERIÊNCIAS NA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO.

Aluno: Jacqueline Teixeira de Assis
Orientador: Maria Inês G. F. Marcondes de Souza

Introdução

Esse relatório se refere às atividades realizadas de agosto /07 a agosto/08 de acordo com o cronograma apresentado no projeto.

No município do Rio de Janeiro foi implantado em 2000 o Primeiro Ciclo de Formação para atendimento de alunos/as de 6, 7 e 8 anos. Este sistema é apresentado como uma “nova organização curricular, uma outra forma de estruturação do tempo escolar” e não como um somatório de séries (CA, 1ª. e 2ª. série), assim o planejamento das atividades pedagógicas deve ter por base esta outra organização temporal (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2005) [1].

Em estudos anteriores realizados [2] [3] ressaltamos que a implantação de novas políticas traz desafios para o trabalho do professor dentre eles admitir interesses, estilos, ritmos de aprendizagem diferentes e organizar formas de trabalho diversos, para um mesmo grupo de alunos.

Tomamos como base teórica os trabalhos de Ball [4] e Ball e Bowe [5], que analisando o ciclo continuado de produção e implementação das reformas curriculares, distingue que estas não são simplesmente recebidas e incorporadas no contexto da prática. Este é um movimento que envolve relações entre diferentes contextos e arenas de luta nos quais se produzem recontextualizações e reinterpretações. É certo que os professores/as são influenciados pelo contexto discursivo no qual a política é produzida, no entanto, estas não têm sentidos tão inequívocos e nos diferentes campos de sua atuação a interpretação do texto político tem claras vinculações com o que se instituiu como as marcas culturais e as relações sociais destes espaços. Ball também lembra que na dinâmica de interação entre os diferentes contextos das reformas curriculares pode se ver emergir no espaço da vida escolar, no lugar das salas de aula uma pluralidade de movimentos que manifestam resistências, acomodações, subterfúgios ou conformismo. No Brasil, Lopes [6] e Mainardes [7] [8] têm utilizado o referencial de Ball em seus trabalhos sobre análise de políticas curriculares.

Objetivos

Nos propomos a estudar a implementação da proposta curricular da escola ciclada na rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, tendo os trabalhos de Stephen Ball como referência e ver como os professores recontextualizam e reinterpretam no seu cotidiano esta reforma. Daremos atenção ao contexto da prática, analisando o trabalho pedagógico de professores da rede em especial o atendimento à heterogeneidade dos alunos.

Metodologia

Utilizaremos métodos e procedimentos analíticos de natureza qualitativa, segundo Zago [9] para examinar o impacto das políticas em situações locais. Procedimentos qualitativos permitem acessar os discursos “situados”, as táticas específicas e as relações, mesmo que sejam tênues operando localmente. A pesquisa sobre políticas curriculares não pode negligenciar as instituições locais e as pessoas que põem em práticas as reformas. Ozga [10] retoma a idéia de que as teorizações educacionais devem buscar articular a análise macro dos

sistemas e política educacionais com a investigação a nível micro que leva em consideração as percepções e experiências das pessoas.

Resultados parciais

- 1- Revisão bibliográfica e elaboração de resumos
- 2- Transcrições de fitas de vídeo
- 3- Análises de conteúdo das fitas sobre ciclos
- 4- Apresentações de trabalhos científicos em encontros
- 5- Participação na organização da palestra do Prof. Jefferson Mainardes na PUC-Rio
- 6- Entrevistas com professoras da rede (elaboração de roteiro e transcrição)

Síntese dos resultados parciais

1 Revisão bibliográfica e elaboração de resumos

1.1- Atendimento à heterogeneidade: problema antigo na escola.

Mitos e equívocos sobre a implantação dos ciclos rondam as escolas até hoje. O primeiro encontra-se na própria interpretação de sua conceituação. É comum estabelecer relação direta dos ciclos com aprovação automática e com alunos pobres. Arroyo [11] também afirma que “a organização em ciclos vem acompanhada freqüentemente de concepções de progressão escolar, contínua, automática, etc. e, por sua vez, o termo ciclo tem sido associado à aprovação automática e progressiva, à não-reprovação, até à não-avaliação” (p.24).

Um dos equívocos em relação aos ciclos é o de terem sido descritos como algo “novo” que chegava à escola. Autores como Mainardes [12] e Barretto e Mitrulis [13] desfazem tal concepção, mostrando que apesar dos ciclos surgirem, nos diferentes estados do Brasil, na década de 60 e terem ênfase nas décadas de 80 e 90, alguns pressupostos teóricos já eram defendidos desde a década de 20. Para Barretto e Mitrulis [13],

Os ciclos escolares, presentes em alguns ensaios de inovação propostos pelos estados, sobretudo a partir da década de 1960, e, em alguns de seus pressupostos, defendidos desde os anos de 1920, correspondem à intenção de regularizar o fluxo de alunos ao longo da escolarização, eliminando ou limitando a repetência. (In Perrenoud , p. 189). [14]

Além dos mitos e equívocos alguns autores como Mainardes [12], Jacomini [15], Arroyo [11] observam que nem todas as experiências foram implantadas com uma estrutura pedagógica e organizativa que possibilitasse a democratização da aprendizagem. O regime é denominado de “ciclo”, mas o que ocorre muitas vezes é a continuidade do regime “seriado”, sem ocorrer mudanças significativas no tempo, no conteúdo e na avaliação nas práticas escolares, ou como aponta Negreiros [16], “as escolas apropriam-se de atributos do regime de ciclos e mantêm a estrutura organizacional e funcional da seriação”. (p. 200).

O que está sendo entendido como “lógica seriada” é a forma pela qual a escola moderna historicamente se organizou tomando como base certos princípios: o conhecimento deve ser ensinado de uma forma progressiva, por etapas, indo de conceitos mais simples, para os mais complexos, contribuindo assim, para a construção da idéia da necessidade dos pré-requisitos, responsáveis pela compreensão da formação de turmas homogêneas. O processo avaliativo será usado para classificar os alunos tendo em vista a aprovação ou a retenção. Como consequência, a reprovação se justifica, pois está assentada na idéia de que se algum conteúdo não for aprendido, o prosseguimento dos estudos está impossibilitado, dada a necessidade do atendimento dos pré-requisitos. (Knoblauch, p.15) [17]

Num processo de ciclos, a função classificatória da avaliação perde o sentido. Entretanto, a avaliação não deve ser eliminada, ao contrário, deve ser resgatada no seu sentido

diagnóstico. O fim da reprovação não pode representar o fim das práticas avaliativas, mas a construção de outras práticas.

1.2- Currículo e heterogeneidade: desafios na escola em ciclos

O primeiro entendimento necessário para compreendermos a concepção de currículo na ótica que estabelecemos é referente ao princípio da heterogeneidade, que já é discutido há muitas décadas. Leite [18] na década de 1950 (em texto publicado novamente em 2003) já advertia:

Aparentemente não se discute a possibilidade de organizar classes realmente homogêneas – porque a escola tradicionalmente não o fazia. E é, aliás, compreensível que não o fizesse. Admitiam-se os cânones de beleza e de verdade, e os desvios eram erros condenáveis. Admitia-se que todos podiam e deviam ser iguais, e os diferentes eram moralmente condenados. Compreende-se, assim, que os alunos fossem castigados quando não apreendiam – porque (a não ser nos casos extremos) a diferença entre os homens estava apenas na capacidade de esforço. Apesar disso, seriam homogêneas as classes? Mas esta era uma pergunta que não se formulava: ao professor cabia ensinar a verdade; os alunos deviam repeti-la. (p. 188).

Procuramos na pesquisa desenvolvida perceber como esse atendimento à heterogeneidade chega ao currículo construído no espaço escolar: na elaboração de atividades que levem em conta os diferentes níveis de desempenho, em experiências de dilatação do tempo de aprendizagem, na aplicação de trabalhos complementares, nas experiências de apoio aos alunos com mais dificuldades.

Discutimos *heterogeneidade e trabalho diferenciado* na sala de aula, entendendo que a proposta de ciclos traz no *contexto da produção do texto* de sua política propostas para lidar com alunos em diferentes níveis de desempenho escolar.

Quanto ao conteúdo do que é produzido no discurso, a questão do fracasso e da exclusão escolar é contemplada desde a década de 1950, segundo Glória e Mafra [20]. As autoras se referem ao trabalho de Anísio Teixeira (1994) que já discutia seus altos índices, afirmando o direito de todos a uma educação escolar pública e a importância de medidas governamentais no sentido de democratizar as oportunidades educacionais no Brasil.

Especialmente a partir dos anos 1970, a questão da permanência dos alunos na escola torna-se uma preocupação social presente, por estar a escola pública alicerçada num eficiente sistema de reprovação caracterizado pelo uso de diversos mecanismos seletivos. Assim sendo, embora as crianças tenham acesso à escola, os processos seletivos no seu interior têm dificultado a trajetória regular dos alunos e ampliado o número de repetências e evasões. Todavia, na década de 1980, tais temas se tornam o assunto por excelência no meio acadêmico, por meio de vários autores.

O princípio da não-retenção escolar, admitido como uma política educacional pública avança por algumas administrações nos anos 90, propostas como da Escola Plural encabeçam mudanças implementadas na estruturação e organização do trabalho escolar no sentido de atender a dois princípios fundamentais: o direito à educação e a construção de uma escola incluyente. A partir daí inúmeras tentativas de flexibilizar o tempo de aprendizagem e diversificar o conteúdo a ser ensinado visando o atendimento a grupos mais heterogêneos foram desenvolvidas no Brasil.

Gomes [19] e Mainardes [7] ressaltam a importância de se investigar o *contexto da prática*. Gomes [19] nos alerta que “as reformas reformam as escolas ou as escolas reformam a reformas”. A análise de pesquisas nos revela que “projetos meritórios de desseriação e combate ao fracasso escolar tenderam a sofrer substanciais desgastes e distorções na trajetória entre os centros planejadores e a execução nas escolas, mostrando com frequência outra face nas salas de aula, pelo menos em casos pesquisados.” (p.47).

Quanto à categoria *currículo*, a proposta de ciclos, ao nível da prática, solicita participação dos professores na elaboração do projeto pedagógico da escola, no desenho de sua proposta curricular, exigem uma nova forma de conceber o conhecimento, as estratégias curriculares e as formas de avaliar que possibilitariam o atendimento aos grupos heterogêneos. Entretanto Gomes [19] ao relacionar aspectos desfavoráveis à implantação dos ciclos ainda encontra muitos trabalhos relacionados ao *contexto da prática* que revelam que o trabalho docente ainda é comum para toda a classe, sem atividades diferenciadas, na maioria das escolas pesquisadas. Portanto, o atendimento à diferenciação (heterogeneidade), proposto pelos currículos, tornou-se um grande desafio para os professores. De acordo com Moss [21], a maior dificuldade encontrada no planejamento está relacionada à escolha pelo melhor método e melhor conteúdo que atendam às diferentes necessidades dos alunos. O trabalho com a diferenciação pressupõe ter a habilidade para identificar a diversidade presente dentro de um mesmo grupo. Saber gerenciá-las e agrupá-las é uma competência para um ensino eficaz. Moss [21] identifica como estratégia de diferenciação o desenvolvimento da habilidade de ensinar de distintas maneiras o mesmo conteúdo. Essa abordagem diversificada de ensino deve levar em consideração os diferentes resultados dos alunos, para que o planejamento seja construído visando o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem. Moss [21] estudando o trabalho com turmas heterogêneas apresenta um plano de estratégias para a diferenciação. Essas estratégias esboçam um plano de reflexão e ação sobre os alunos que devem essencialmente considerar: (1) as formas pelas quais as crianças precisam ser agrupadas; (2) os principais objetivos e componentes das tarefas; (3) os tipos e estilos de ensino e arranjos usados na lição; (4) os tipos de suporte e recursos que podem ser providenciados para cada grupo. A avaliação diagnóstica acompanha todo o processo e informa ao professor sobre o andamento de seu programa de trabalho.

Ainda nos estudos listados por Gomes [19], são encontradas escolas que não realizam seu planejamento com o apoio nos resultados da avaliação.

De agosto/07 a agosto/08 demos continuidade ao levantamento da bibliografia relacionada aos ciclos. No sentido de abordar o contexto de produção do discurso, apresentamos o resultado analítico a partir da revisão de 22 textos das revistas *Cadernos de Pesquisa*, *Revista Brasileira de Educação*, *Educação e Sociedade*, *Educação e Pesquisa* e *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. A partir desse levantamento selecionamos 3 textos-síntese.

No primeiro texto, Barretto e Mitrlis [13], fazem uma revisão histórica do sistema de implantação da proposta curricular em ciclos. As autoras não se atêm apenas à descrição de fatores históricos, mas apresentam também uma visão dos desejos de mudança que permearam os processos de implantação da proposta.

O segundo texto, Mainardes [12], apresenta uma revisão de literatura sobre a organização da escolaridade em ciclos no Brasil, evidenciando os aspectos que têm sido enfatizados, as limitações e as perspectivas para a pesquisa desse tema. Conclui, sinalizando para áreas que ainda precisam de pesquisas mais aprofundadas como: a implantação dos ciclos de forma mais participativa e democrática, a orientação dos professores para o trabalho com classes heterogêneas, a gestão da escola e a formação continuada dos professores.

O terceiro texto, Gomes [19], traz um balanço das publicações dos últimos quinze anos dos ciclos no Brasil, com base em dados nacionais, em catálogos universitários e bibliotecas eletrônicas. O impacto das implantações nos vários estados nacionais, com seus aspectos positivos e negativos.

A análise teve como base as categorias *ciclo*, *heterogeneidade* e *professor* para subsidiar a discussão sobre turmas heterogêneas. Estas categorias foram selecionadas, pois são centrais na discussão e aparecem nos três textos.

As informações obtidas nos fornecem fundamentos de análise do contexto da prática.

Esta fundamentação serve de base para fundamentar o trabalho de campo que será realizado posteriormente.

1.3- Conclusões Parciais

O que os autores apontam e os subsídios fornecidos pelo cotidiano escolar, mostram que a escola ciclada é um projeto em construção. A lógica da seriação ainda encontra-se incorporada na escola e na prática dos professores. A perspectiva é com vistas à implantação de uma política de ciclos, com mudanças curriculares que se reflitam no trabalho do professor, no processo avaliativo e, conseqüentemente, no atendimento dos grupos heterogêneos. Pesquisas qualitativas buscam dados para análise da forma como as políticas são interpretadas e transformadas na prática, pelos professores. Este momento da pesquisa é fértil para o fornecimento de dados substanciais para sua próxima etapa.

É importante ressaltar que o levantamento bibliográfico continua sendo executado e que a contribuição de novos artigos é de extrema importância para a análise, discussão e revisão de todo o trabalho.

2 Transcrições de fitas de vídeo sobre a implantação da política de ciclos

Foram transcritas as fitas de 5 programas que se constituem em parte da formação continuada de professores da rede. Trata-se de uma coleção de programas com a finalidade de orientar aos professores na implantação da proposta de ciclos. Esses programas foram produzidos pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e encaminhados às escolas da rede entre os anos de 2004 e de 2006. As temáticas dos programas são: novos espaços e tempos, gestão na escola em ciclos, atendimento à diversidade, entre outros.

3 Análise de conteúdo das fitas sobre ciclos

A análise dos programas considerou o conteúdo (a montagem), a intenção (o objetivo) e o contexto do espectador. O objetivo dessa etapa é analisar se essas produções de fato instrumentalizam os professores no seu trabalho na escola.

Nossa análise procurou responder as seguintes questões: Quais os temas recorrentes? Quais os conceitos básicos que são apresentados nos vídeos? Como são apresentados esses conceitos? Quais os tipos de imagens que são apresentados? Qual o entendimento que os professores têm dos conceitos apresentados nos vídeos? Quais as estratégias apresentadas aos professores para lidar com as turmas heterogêneas?

Para auxiliar na compreensão dos conceitos dos programas foram consultadas outras publicações da Secretaria de Educação e de outros teóricos que fundamentam a proposta.

4 Apresentação de trabalhos científicos

- Participei, como co-autora, na elaboração do pôster que foi apresentado em evento científico:

MARCONDES, M. I.; LEITE, V.F.; COUTO, C. B.; MARINHO, L.; ASSIS, J. T.- Caminhos indicados pelas pesquisas para aperfeiçoar a prática docente. **XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. CD Rom do Evento, 2008.

- Outros trabalhos elaborados pelo grupo de pesquisa em que colaborei no levantamento bibliográfico:

COUTO, C.B. e MARCONDES, M.I.- A política de ciclos e o atendimento à heterogeneidade:

questões levantadas em um investigação na sala de aula. CDRom do **Congresso Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares**. Florianópolis, setembro, 2008.
(no prelo).

COUTO, C.B.- **Escola em Ciclos: o desafio da heterogeneidade na prática pedagógica**. Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, abril, 2008.

OLIVEIRA, J.C. de – Vygotsky e os Ciclos. **Revista Nós da Escola**. Rio de Janeiro: MultiRio, Ano 5, No. 59, 2008, p.23-24.

5 Participação na organização da palestra do Prof. Jefferson Mainardes na PUC-Rio

Como parte das atividades do grupo de pesquisa convidamos o Prof. Jefferson Mainardes que proferiu palestra no dia 14 de abril de 2008 na PUC-Rio sobre “ A Pesquisa sobre a organização da escolaridade em ciclos no Brasil (2000-2006): mapeamento e problematizações.” Neste levantamento foram analisados cerca de 200 estudos acadêmicos em relação aos seguintes aspectos: tema, metodologia, contribuição para compreensão da política, resultados, problemas encontrados e dificuldades na pesquisa. A partir deste mapeamento, o autor problematizou a pesquisa na área da política apresentando possibilidades de novos referenciais. Entre as conclusões apresentadas o autor evidenciou uma dispersão nas áreas de estudo dificultando assim o aprofundamento das questões. Uma grande dificuldade apresentada nas pesquisas analisadas foi a falta de articulação dos aspectos macro com o micro.

6 Entrevistas com professoras da rede (elaboração de roteiro e transcrição)

Foi elaborado um roteiro de entrevista para ser aplicado com as professoras da rede. Esse roteiro constitui-se de dados relativos a: identificação do professor, visão sobre a proposta de ciclos, mudanças relativas ao tempo e ao espaço, orientações recebidas da Secretaria, aspectos positivos e dificuldades na implementação, critérios de organização das turmas, aspectos considerados na avaliação dos alunos, estratégias utilizadas para atender alunos com dificuldades de aprendizagem e tipos de formação continuada.

Foi realizada uma entrevista-piloto para testar e rever o roteiro formulado.

Estamos selecionando e entrevistando professores/as considerados “bem sucedidos” a fim de conhecer o impacto da política de ciclos na rede. As entrevistas estão sendo gravadas para serem transcritas.

Apreciação pessoal da bolsista sobre as atividades desenvolvidas na pesquisa.

A oportunidade de participar de um grupo de pesquisa acadêmica como bolsista PIBIC tem ajudado muito no meu desenvolvimento como aluna de Pedagogia. O contato com a equipe de pesquisa, as discussões, a consulta a diferentes fontes bibliográficas e o acesso a variadas técnicas de pesquisa têm aberto diversas possibilidades de estudo e, conseqüentemente, de produções melhor elaboradas. Além disso, participei de discussões em reuniões e palestras (Professor Mainardes). Participei também de entrevistas com professores da rede e essa participação me possibilitou ampliar meus conhecimentos em relação à escola pública através da vivência dos profissionais que lá atuam. Fui co-autora, com os demais componentes do grupo de pesquisa, de um trabalho científico apresentado no ENDIPE. Isto, conseqüentemente, tem ajudado muito na minha formação como aluna de Pedagogia, ampliando meus conhecimentos e abrindo portas para novas oportunidades de aprendizagem. Acredito que a experiência como bolsista de iniciação científica oferece grandes possibilidades de continuar a desenvolver estudos após a graduação.

Referências

- 1 – PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO - A Multieducação na sala de aula: refletindo sobre o trabalho no 1º ciclo de formação. Rio de Janeiro, 2005.
- 2 - TURA, Maria de Lourdes e MARCONDES, Maria Inês - Políticas Educacionais, Concepções Pedagógicas e Identidades Profissionais. **Revista Brasileira de Administração em Educação**. S.Bernardo do Campo: v.18, n.1, p.27-39, 2002.
- 3 - TURA, Maria de Lourdes e MARCONDES, Maria Inês - Ecos das Políticas Curriculares no Cotidiano Escolar. Trabalho apresentado no Congresso Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares. **CDRom do Congresso Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares**. Braga: v.1 p.1-12, 2006.
- 4 - BALL, Stephan. J.- **Education reform: a critical and post-structural approach** Buckingham/ Philadelphia: Open University Press, 1997.
- 5 - BALL, Stephan J. e BOWE, Richard - Subject departments and the “ implementation” of National Curriculum policy: an overview of the issues. **Journal of Curriculum Studies**. London, v.24, n.2, p.97-115, 1992.
- 6 - LOPES, Alice Casimiro- Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos? **Revista Brasileira de Educação**. Nº 26 Rio de Janeiro Mai/Ago. 2004.
- 7 - MAINARDES, Jefferson.- Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e Sociedade**. v.27 n.94 Campinas jan./abr. 2006.
- 8 - MAINARDES, Jefferson- Escola em ciclos: Explorando a multiplicidade de vozes e interpretações sobre o processo de implementação. Caxambu: **CDRom 28ª Reunião da ANPED**, 2006.
- 9 – ZAGO, Nazir e outros (orgs.) - **Itinerários de pesquisa: perspectiva qualitativa em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- 10 - OZGA, Jenny. **Investigação sobre Políticas Educacionais**. Porto: Porto Editora, 2000.
- 11- ARROYO, Miguel. Ciclos de Formação. O que pesquisar e refletir? In: FETZNER, Andréa Rosana (org). Implicações curriculares de uma escola não seriada. **Ciclos em Revista**. Rio de Janeiro, v. 02 – pp. 17-34, 2007.
- 12 - MAINARDES, Jefferson. Organização da escolaridade em ciclos no Brasil: revisão da literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e Pesquisa**. Vol. 32, no.1 S.Paulo Jan./Apr.2006.
- 13- BARRETTO, Elba S.de S. e MITRULIS, Eleny - Trajetória e desafios dos ciclos escolares no Brasil. In: Philippe Perrenoud. **Os ciclos de Aprendizagem – um caminho para combater o fracasso escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- 14- PERRENOUD, Philippe- **Os ciclos de Aprendizagem – um caminho para combater o fracasso escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

- 15- JACOMINI, Márcia A.- A escola e os educadores em tempo de ciclos e progressão continuada: uma análise das experiências no estado de S. Paulo. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, nº 03 - pp. 401-418, Set/Dez. 2004.
- 16- NEGREIROS, Paulo Roberto Vidal de- Séries no Ensino Privado, Ciclos no Público: um estudo em Belo Horizonte. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v 35, nº 125 – pp. 181–203, Mai/Ago. 2005.
- 17- KNOBLAUCH, Adriana- **Ciclos de Aprendizagem e Avaliação: o que a prática escolar nos revela**. Araraquara: JM Editora, 2004.
- 18- LEITE, Dante Moreira - Promoção Automática e adequação do currículo ao desenvolvimento do aluno. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 84, nº 206/207/208 - pp. 187-196, Jan/Dez. 2003.
- 19 - GOMES, Cândido A.- Quinze anos de ciclos no ensino Fundamental: um balanço das pesquisas sobre sua implantação. **Revista Brasileira de Educação**. n.25, Rio de Janeiro. Jan./Abr. 2004.
- 20-GLÓRIA, D. e MAFRA, Leila de Alvarenga. A prática da não-retenção escolar na narrativa de professores do ensino fundamental: dificuldades e avanços na busca do sucesso escolar. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, nº 02 – pp. 231-250, Maio/Ago. 2004.
- 21- MOSS, Geof. **A Strategy for differentiation**. Birmingham: Questions publishing, 1996.